



CHICO LIBERATO: MEMÓRIA E CINEMA DE ANIMAÇÃO NA BAHIA

Patrícia Moreira Santos¹

Milene de Cássia Silveira Gusmão²

INTRODUÇÃO

A pesquisa, em fase inicial, visa compreender o processo criativo de Chico Liberato, observando em sua produção fílmica as expressões e aprendizados que possibilitaram a reconhecida singularidade manifesta nos filmes de animação por ele realizados, além disso, busca perceber se sua trajetória como realizador no âmbito cinematográfico influenciou a continuidade da produção de filmes de animação na Bahia.

Nascido em Salvador, Francisco Liberato de Mattos também conhecido como Chico Liberato, é segundo Paraiso (1999, p.3), consagrado no Brasil como pintor, escultor, desenhista, artista multimídia e cineasta. Aos 80 anos, e quase 50 desses voltado ao cinema de animação baiano, ele tem empenhado todo o seu fazer intelectual e artístico em projetos de valorização e difusão da animação e da cultura sertaneja, tema que perpassa a sua formação e trajetória social desde a infância.

Objetivando compreender como a memória dos aprendizados, dos saberes incorporados, são operados e ou mobilizados no trabalho de construção das imagens animadas produzidas por Chico Liberato em seus filmes, traçamos alguns objetivos específicos que auxiliarão na sistematização da pesquisa: identificar nos processos de aprendizagem do artista os saberes que se expressam nas imagens animadas por Chico Liberato; analisar como esses saberes se tornam traços na narrativa e plasticidade das animações; compreender como os símbolos, incorporados e apreendidos em seu processo de aprendizagem, se apresentam no registro e recriação de traços presentes em sua expressão fílmica; analisar se a obra de Chico Liberato tem contribuído na construção do cinema de animação na Bahia;

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGMLS UESB. Endereço eletrônico: patricia.moreira.cine@gmail.com

2 Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Docente no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e no Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: mcsusmao@gmail.com



PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Tomando como referência os percursos teórico-metodológicos de Norbert Elias e Pierre Bourdieu, no âmbito da sociologia da cultura, especialmente quando tratam da teoria simbólica, das regras da arte e da noção *dehabitus*, propomos um exercício analítico acerca da obra de um artista que compreendemos seja também o reflexo de sua formação cultural que se realiza nos entremeios das relações entre indivíduos e sociedade. Nesse sentido, a proposta é estudar com maior propriedade a trajetória social em consonância com a obra cinematográfica de Chico Liberato que supomos ter marcadamente também o reflexo de seus símbolos pictóricos.

Bourdieu (1996 p.14) indica que as noções de espaço social, de espaço simbólico ou de classe social não são, nunca, examinadas em si mesmas e por si mesmas; ele propõe utilizar e por a prova em uma pesquisa inseparavelmente teórica e empírica que possa mobilizar uma pluralidade de métodos quantitativos e qualitativos, estatísticos e etnográficos, macrosociológicos e microsociológicos de observação e de avaliação.

Para Elias (2002, p.7) os seres humanos também são simbólicos. Ele coloca que os símbolos são imagens que possibilitam aos indivíduos conservar, assimilar, e atuar sobre experiências realizadas e transmitidas. Nessa metodologia, a expressão, a memória e o pensamento orientam o indivíduo para a ação que é individual e social ao mesmo tempo. Por meio dos dispositivos de lembrança e esquecimento se estabelecem as classificações de valor, mobilizando assim, os conhecimentos.

Pretende-se inicialmente partir para a análise da obra estática e plástica disponíveis nos acervos de Chico Liberato, e em seguida analisar as obras *Boi Aruá* 1983 e *Ritos de Passagem* 2014, que representam a interseção de sua obra cinematográfica. O exercício, tanto para as imagens animadas, quanto às estáticas, seria a decompor e relacioná-las em expressão e técnica. Tal procedimento implicaria em duas etapas importantes: decompor, que seria descrever todos os elementos e, em seguida, demonstrar e interpretar as relações entre esses elementos decompostos.

Essa análise inicial é importante, não apenas para compreender a obra do artista, como também para criar o alicerce necessário para as entrevistas que se seguirão ao longo do percurso da pesquisa. Interpretar sob um olhar próprio e em seguida interrogar o artista e seus colaboradores, ao mesmo tempo em que se interroga a obra.



RESULTADO E DISCUSSÃO

Na adolescência, Chico Liberato foi morar em uma comunidade indígena no sul da Bahia. Após pouco mais de cinco anos, agregando conhecimento, valores culturais e pictóricos à sua vida e arte, ele retornou para Salvador e deu continuidade à sua empreitada artística. Inspirado na cultura popular, ele evidenciou em sua produção como artista plástico, símbolos de caráter folclórico, utilizando materiais naturais como madeira, folhas e sementes. O sertão, o sertanejo, a arte popular regional e as figuras místicas presentes no indígena e no candomblé são temas frequentes em suas produções, identificando e caracterizando seu trabalho. Tais aprendizados e expressões pictóricas se tornaram mais tarde, pontos importantes em sua obra cinematográfica voltada ao cinema de animação. Chico teve acesso, desde muito cedo, ao que Bourdieu chamaria de capital cultural objetivado, que se concretiza através de suportes materiais e se relaciona à propriedade de objetos culturais que são valorizados (BOURDIEU, 1998b, p. 77).

Em entrevista, Liberato³ (2013) comenta que a Jornada Internacional de Cinema na Bahia era o único espaço de escoamento do cinema baiano e que todos os cineastas utilizavam esse espaço tanto para conhecer o cinema que era realizado em outros países, quanto para discutir, ampliar os conhecimentos e de lá tirar inspirações para produções cinematográficas das mais variadas. A Jornada impulsionou Chico Liberato de forma definitiva na realização cinematográfica, partindo exatamente de sua expressão pictórica, já que este se volta ao cinema de animação, que tem o desenho como um dos principais elementos. O cineasta ainda ressalta que o cinema de animação europeu o impulsionou a pensar um cinema de animação que realmente queria fazer, além daquilo que era apresentado pelos grandes estúdios do *Walt Disney*.

Os seus trabalhos iniciais tiveram repercussão tal que Liberato conseguiu financiamento para o desenvolvimento de um longa de animação intitulado *Boi Aruá de 1983*. Este trabalho amplamente reconhecido, por ser também o primeiro longa de animação nordestino, chegou a receber **um prêmio da UNESCO**, pela relevância da sua temática e da sua influência na educação de crianças e adolescentes. Demonstrando, assim, o potencial do cinema de animação enquanto modalidade específica de formação cultural e inscrição simbólica.

3 Entrevista com Chico Liberato concedida à autora desse projeto, em Salvador, 7 de Novembro de 2013.



Essa temática e plástica viria a ser novamente retratada em todos os outros curtas de animação produzidos pelo cineasta, e 29 anos depois, sob uma nova nuance em seu segundo longa de animação - *Ritos de Passagem* de 2014, financiado pelo Setorial de Audiovisual da Bahia. Chico revelou que através das memórias inseridas em seu *Ritos de Passagem* – nascimento, batismo, transição da juventude para a idade adulta, morte e transcendência – os personagens vivem um processo de autoanálise e refletem sobre os acontecimentos que viveram no sertão; e que este estaria envolto dentro da atmosfera de seu próprio aprendizado, sua trajetória, e incorporação dos conhecimentos empreendidos ao longo de sua vida (AUGUSTO, 2012).

A partir de uma abordagem micro histórica inicial, as lentes recaíram sobre a fala do protagonista desta reflexão, através de entrevistas. A concepção de trajetória social é compreendida a partir dos indicadores: percursos artísticos, sócio familiare carreira profissional, os quais de acordo com Bourdieuse revelam como uma série de posições ocupadas por um mesmo agente ao longo da vida.

CONCLUSÕES

Por muito tempo o cinema de animação se viu renegada a um status inferior dentro do cinema, como algo a parte que se estabelece dentro de uma relação de marginalidade. Como se não pudessem sair daquele lugar complexidades e grandes obras estéticas, como se não houvesse nela o gérmen do próprio cinema que nasce em seus tempos mais remotos das imagens animadas (GRAÇA 2009, p17).

Bourdieu (2008) entende que o *habitus* consiste em um sistema de elementos que geram e organizam práticas e representações que se corporificam nas individualidades e que ao mesmo tempo vão se desenvolvendo. Na pesquisa até aqui realizada, percebe-se notadamente que Chico Liberato, desde as vivências na tribo indígena na adolescência até àquelas vivenciadas na Jornada Internacional de Cinema, construíram um *habitus* peculiar do artista voltado ao fazer das imagens animadas.

“O cinema, ao mesmo tempo, cria ficção e realidades, em imagens agentes e potentes, e produz memória. Uma arte (no sentido atual) ao mesmo tempo um artifício. Artifício que produz conhecimento real e práticas de vida” (ALMEIDA 1999, p.35).

Nos estudos já realizados conclui-se preliminarmente que a trajetória social de Chico Liberato interferiu de forma definitiva em todos os seus processos de expressão



artística – iniciando-se pelas artes plásticas até alcançar as imagens animadas – sendo essa um reflexo apurado da outra, já que a primeira que é estática, sustenta a espinha dorsal imagética da face cinematográfica animada; onde não apenas imagens passeiam, mas também a trilha sonora impregnada da simbologia sertaneja com seus rastros indígenas e africanos permeia o seu imaginário – através dos ruídos, falas, jeito e os saberes que dão o tônus ao tempo, espaço e gesto da memória do artista que está inserido em seu fazer cinematográfico voltado à animação.

Palavras-chaves: Memória. Chico Liberato. Cinema. Animação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Milton José de. **Cinema Arte da Memória**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

AUGUSTO, Carlos. “Ritos de Passagem”, longa-metragem em animação do diretor Chico Liberato é lançado em Feira de Santana, **Jornal Grande** Bahia Salvador, 2012, Disponível em: <<http://www.jornalgrandebahia.com.br/2012/05/ritos-de-passagem-longa-metragem-em-animacao-do-diretor-chico-liberato-e-lancado-em-feira-de-santana/>>. Acesso em: 15 Outubro 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. O Capital Social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Org). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998a.

DURKHEIM, Émile. **A Sociologia em Émile Durkheim**. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/durkheim.htm>>. Acesso em: 07 de Dezembro 2014

ELIAS, Norbert. **Teoria Simbólica**. Oeiras (Portugal): Celta, 2002.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

GRAÇA, Marina Stella. **Entre o Olhar e o Gesto:** Elementos para uma poética da imagem animada. São Paulo: SENAC, 2009.



XII COLÓQUIO NACIONAL E V COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

LIBERATO, Chico. **Trajetória artística** - Salvador, BA. - 07.11.2013. Entrevista a Patrícia Moreira.

PARAÍSO, Juez. O artista Francisco Liberato. In: LIBERATO, Chico. **Exposição Tempo Latino/América**. Salvador: Museu de Arte Moderna da Bahia, 1999.